

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

CAMILA DAGOSTIM

“OKÊ ARÔ CABOCLO”

**REPRESENTAÇÃO ‘INDÍGENA’ NO CENTRO ESPÍRITA UMBANDISTA PAI
TOMÉ E CABOCLA INDAIÁ DA CACHOEIRA**

CRICIÚMA - SC

2016

CAMILA DAGOSTIM

**“OKÊ ARÔ CABOCLO”
REPRESENTAÇÃO ‘INDÍGENA’ NO CENTRO ESPÍRITA UMBANDISTA PAI
TOMÉ E CABOCLA INDAIÁ DA CACHOEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Profº. Me. Tiago da Silva Coelho

**CRICIÚMA - SC
2016**

CAMILA DAGOSTIM

“OKÊ ARÔ CABOCLO”

**REPRESENTAÇÃO ‘INDÍGENA’ NO CENTRO ESPÍRITA UMBANDISTA PAI
TOMÉ E CABOCLA INDAIÁ DA CACHOEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Cultural.

Criciúma, 18 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Tiago da Silva Coelho – Mestre – UNESC - Orientador

Prof. Michelle Stakonski Cechinel – Mestra – UNESC

Prof. João Alberto Ramos Batanolli – Mestre - UNESC

Dedico esta pesquisa a todos os irmãos de fé do CEUPTCIC que dedicam amor e respeito a esta religião levando ao mundo inteiro a bandeira de Oxalá.

Dedico a todos que emanaram boas vibrações para a confecção deste trabalho.

Dedico em especial para Reginaldo Heerdt, meu companheiro, minha inspiração, o amor de minha vida.

Dedico esta pesquisa a Pai Tomé e a Cabocla Indaiá da Cachoeira.

Dedico esta pesquisa a todos os Guias Espirituais que me protegem e me iluminam nesta linda caminhada.

Dedico esta pesquisa a nossa querida Umbanda.

AGRADECIMENTOS

Gratidão à vida, a esta encarnação. Gratidão ao universo, ao cosmos, a lua, o sol e as estrelas. Gratidão a Zambi, a Pai Oxalá, aos Orixás, aos Guias Espirituais que me protegem e me iluminam nesta longa e prazerosa caminhada. Gratidão por me ensinarem a amar a vida.

Gratidão a Exu, Pomba-gira e o povo Cigano por toda a luz, proteção, oportunidade e os caminhos abertos.

Gratidão a minha família por tudo que me ensinaram. Obrigada meus irmãos Anderson Picolo Dagostim e Valberto Dagostim. Obrigada ao meu pai Valdir Jácomo Dagostim. Obrigada minha mãe Terezinha Picolo.

Gratidão a todos os Professores que passaram por mim nesta vida. Gratidão a todos os maravilhosos Professores, Orientadores, Mestres e Doutores do curso de História da UNESC. Gratidão especial aos que continuaram comigo nesta caminhada. Obrigada Paulo Sérgio Dozol, Henrique Zanelatto, Tiago da Silva Coelho e João Batanolli. Obrigada as Professoras, Guerreiras e Sensacionais, Michele Gonçalves Cardoso, Marli de Oliveira Costa, Luci Cristina Ostetto e Michelle Stakonski Cechinel. Levarei comigo o legado de vocês, para sempre.

Gratidão especial a quem me orientou nesta pesquisa. Muito Obrigada, verdadeiramente, por toda a autonomia. Muito Obrigada por confiar em mim e neste trabalho. Gratidão pelos “Camila, acalme-se”, “Fica Tranquila, ainda temos tempo”. Muito Obrigada por toda a paciência. Gratidão, Tiago da Silva Coelho!

Gratidão a todos os meus amigos pela força e energia positiva que me desejaram para a construção deste projeto. Gratidão a todos que conheci durante o curso de história.

Gratidão aos irmãos de miçanga, de macumba, de Umbanda. Gratidão ao CEUPTCIC.

Gratidão a incrível Dirigente Espiritual Daniela Gomes Fagundes por todos os ensinamentos e incentivos. Obrigada por toda a disposição em me ajudar neste trabalho e ceder o espaço do nosso amado CEU para o desenvolvimento desta pesquisa. Obrigada por acreditar em mim, Dani. Gratidão!

Gratidão ao Jivago Dias Amboni por todas as excelentes aulas sobre Umbanda, mediunidade e afins. Me ajudou muito nesta pesquisa. Gratidão!

Gratidão especial ao sensacional Expresso Macumba; apelido carinhoso do “Corsinha Véio” da Paloma Hirt, que todas as terças-feiras e quintas-feiras nunca nos abandonou até a ida ao Terreiro. Gratidão a todas as (os) adeptas (os) do Expresso Macumba por todas as risadas inesquecíveis durante o trânsito exaustivo, no fim do dia. Gratidão Paloma, Mireli, Geneci, Maridiane, Patricia, Diego e Flávio. Obrigada Mireli Hainzenreder pela câmera fotográfica. Gratidão a Maridiane Corrêa Plácido por ter disposto a sua maravilhosa biblioteca particular que me ajudou muito nesta pesquisa. Gratidão a Paloma Hirt por gentilmente e pacientemente me ceder o espaço de seu aconchegante lar doce lar por todas as vezes que precisei. Gratidão!

Gratidão especial a um grande homem, que não tem noção do coração imenso que possui. Obrigada por ter aguentado todos os meus choros e ainda oferecer seu abraço como conforto. Obrigada por todos os “Você vai conseguir. Vai dar tudo certo”. Obrigada por me ajudar em tudo. Obrigada por acreditar em mim. Obrigada por ser meu companheiro. Obrigada por tudo, Reginaldo Heerdt da Silva. Te Amo, ‘Love of My Life’.

Gratidão eterna a um velhinho, simples, muito querido, amado e de uma sabedoria imensa, que em uma tarde de sábado, juntamente com seu maravilhoso, pequeno e grande cavalo, serenou minhas águas e acalmou meu coração quando tudo parecia perdido nesta pesquisa. Pegou na minha mão e disse: “Fia, uma mãe chega para o seu fio com uma mão cheia de doces, mas deixa cair alguns doces no chão. A criança chora e se descabela só porque aqueles doces caíram no chão, e esquece que na mão ainda há muitos doces esperando para serem saboreados.” Eu estava agindo igual a esta criança e não estava percebendo o tanto de possibilidades que eu tinha. Ele me virou para o lado e disse: “Fia, quando a fia achar que não tem mais solução, não esquece do que o nego disse, não esquece da criança e dos doces. Olhe para os lados, fia, olhe para os lados.” Muito Obrigada, Pai Tomé. “A sua cachimba tá no Sumaré”. Adorei as Almas!

Gratidão a Cabocla Indaiá, por sempre mostrar, de todas as formas, que estava a minha disposição nesta pesquisa e nesta caminhada, mesmo eu não entendendo isto. Muito obrigada, Cabocla! Okê Arô!

Muito Obrigada a todos que aguentaram minhas crises, minhas filosofias de bar e minha parte antissocial durante esses anos. Gratidão por estarmos sempre juntos nessa. Sozinhos somos meros mortais com crises existenciais. Juntos fazemos história!

Epa Babá!
Atotô!
Laroyê!
Arriba!
Ogum iê!
Kaô Kabecilê!
Odoiá!
Ora aie ieu!
Epa hei oyá!
Adorei as Almas!
Okê Arô!
Oni Ibeijada!
Saravá!
Axé!

**"Salve as Caboclas da Mata, salve Iracema, salve Jurema!
Salve as Caboclas da Mata, Iara, Jussara, Jupira e Jandira!
Okê, Okê, Okê Caboclo!"**

Salve a Mata!

**A Mata que com seu manto de verdes me ata
Precisamos do chão, 'desimpermeabilizado'
Respira, resiste tudo, porque em mim é mato
Cresce o mato como um mito coletivo
Querendo alastrar-se, ganhar terreno
Em cada vida asfaltada
Em cada calçada esquecida da cor da água
Nos córregos emparedados da cidade
Pulsa uma saudade de uma paisagem mais justa
Onde todos tenham pé nu, num chão nu
E faça esse caminho
Saudade da sombra da árvore
E do entendimento de que nós somos parte desse manto
Mato, saudade é mato, cresce em qualquer lugar
E que se proteja o que nos dá força
E nos finca firme de novo no que somos
Nós somos o quê?
Caboclo!
Nós somos o quê?
Caboclo!
Eu sou mais um guardando a aldeia Maracanã!
Nós somos Okê?
Caboclo!
Okê Caboclo!**

**Mamãe Amazônia da fauna e da flora sagrada
Tupinambá, Tapajó, Kaiapó, Guarani
Asurini, Parakanã, aldeia Maracanã
Para parar Belo Monte."**

Ponto das Caboclas

**Camila Costa &
Pedro Rocha**

RESUMO

Tendo em vista que a cultura 'indígena' não é uma só, ela é heterogênea, ou seja, são várias culturas, povos ou aldeias 'indígenas', cada uma com suas peculiaridades e diferenças; a Umbanda também é heterogênea e possui na sua diversidade algo em comum, e este algo em comum, muitas vezes pode ser generalizado, trazendo um imaginário homogêneo sobre esta Religião. Esta pesquisa tem por objetivo desnaturalizar, desmistificar e 'descristalizar' padrões contidos em um imaginário coletivo e homogêneo sobre a Umbanda e sobre os Caboclos, mais especificamente, sobre a cultura 'indígena' dentro da Umbanda. Trás como proposta, dentro da História Cultural, uma análise conceitual dentro de uma Representação homogênea ainda presente em um imaginário coletivo sobre as culturas 'indígenas', neste caso, presentes na religião Umbanda.

Palavras-chave: Representação. Cultura Indígena. Caboclo. Umbanda.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PRIMEIRO CAPÍTULO	14
2.1. BREVE HISTÓRICO DE UMA RELIGIÃO BRASILEIRA: A UMBANDA	14
2.2. RELIGIÃO UMBANDA: QUEM ÉS E QUAIS SÃO OS SEUS FUNDAMENTOS?	16
2.3. CENTRO ESPÍRITA UMBANDISTA PAI TOMÉ E CABOCLA INDAIÁ DA CACHOEIRA	20
3. SEGUNDO CAPÍTULO	23
3.1. O QUE É REPRESENTAÇÃO?	23
3.2. REPRESENTAÇÃO 'INDÍGENA' NA UMBANDA: O VISUAL E O INVISÍVEL NOS CABOCLOS DO CEUPTCIC	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
5. REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Com observações e estudos sobre a religião Umbanda¹ e participando de seções mediúnicas² em templo³ umbandista, é notória a presença de determinados elementos culturais ‘indígenas’⁴ presentes nesta religião. Observando isso, sabendo da relevância de uma desnaturalização⁵ da ideia de a cultura ‘indígena’ ser homogênea, e observando isso em manifestações religiosas, neste caso, em terreiro umbandista, nasceu a ideia desta pesquisa.

Sendo assim, como estão representados os Caboclos no Centro Espírita Umbandista Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira?

Não é algo simples definir a religião Umbanda, pois possui um campo de múltiplas interpretações em suas manifestações mediúnicas. Seus ritos podem se diferenciar de terreiro para terreiro e se alterar durante o tempo dentro de um mesmo templo, havendo manutenção de seus fundamentos. Os fundamentos são identificados naquilo que é comum em sua totalidade. Compreendendo isso, ressalta-se a relevância da heterogeneidade ritualística existente em cada templo umbandista, visto que inúmeras culturas, não apenas ‘indígenas’, se manifestam em

¹ Umbanda é uma religião com matrizes na cultura Gêge, na cultura Nagô, nas culturas ‘Indígenas’, no Kardecismo, no Catolicismo, entre outros. A Umbanda ao mesmo tempo é Um (unidade) e Banda (diversidade) (CUMINO, 2015. p. 108), sendo única em toda a diversidade cultural e ritualística que nela se encontra.

² ‘Mediúnica’ igual a ‘Mediunidade’. Mediunidade significa, segundo o dicionário, “pessoa capaz de se comunicar com os espíritos”. Segundo Chico Xavier, “medianeiro, intermediário. Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos.” (FAGUNDES, 2015).

³ Templo, Tenda e Terreiro são sinônimos de Centro Espírita Umbandista, neste caso. Designam o lugar onde acontecem os rituais de Umbanda. Segundo uma nota de Alexandre Cumino em seu livro *Umbanda não é Macumba: Umbanda é Religião e tem Fundamento*, “Zélio explica que se chama Tenda e não Igreja para que, mesmo no nome, sua representação de Templo seja sinônimo de humildade. Os demais templos da religião com o tempo passaram a se denominar Centros de Umbanda e Terreiros de Umbanda. Não importa como se identifique, são templos da religião. O termo espírita é utilizado, pois na época o Espiritismo já havia conquistado espaço na sociedade e Zélio entendia que a Umbanda, enquanto religião, seria uma nova modalidade de Espiritismo ou que teria este por base para suas atividades.” (CUMINO, 2014, p. 47).

⁴ Segundo o *Dicionário de Conceitos Históricos*, Cristóvão Colombo quando aqui desembarcou, achou que teria chegado às Índias, por isso titulou os habitantes/nativos deste lugar de *Índios*. Este termo acabou se popularizando e é usado para designar o nativo. Segundo a Antropologia, quando utilizamos o termo *índio*, estamos generalizando e entendendo as culturas *indígenas* como homogêneas; o que não são, pois, por exemplo, em Santa Catarina a cultura Carijó possui peculiaridades diferentes da cultura Xokleng e da cultura Kaingang. Portanto, compreendendo esta realidade cultural heterogênea, todas as vezes que for citado o termo *índio* nesta pesquisa, estará entre aspas simples (“”).

⁵ Desnaturalizar no sentido de demonstrar e inverter a lógica de discursos e imaginários que se tornaram naturais ao longo do tempo, construídos historicamente, e, por vezes, pejorativos. Desnaturalizar no lugar de desconstruir.

diferentes arquétipos⁶ durante as sessões de atendimento espiritual. Especificamente, as manifestações de caboclos podem também apresentar essa gama de variações, uma vez que os povos ‘indígenas’ não possuem um padrão cultural.

Uma das linhas de trabalho mediúnico da Umbanda, dentro da Tríade Umbandista⁷ é a linha de Caboclos (juntamente com Pretos Velhos e Crianças). Nesta linha, os guias espirituais assumem o arquétipo de determinada cultura ‘indígena’, usando assim, elementos característicos destas culturas para realizar um trabalho espiritual.

Não existe, nesta pesquisa, a intenção de provar a existência de uma verdade ou de uma mentira sobre espíritos. A intenção aqui é demonstrar como existente as manifestações culturais de matriz religiosa brasileira que se encontram por toda parte no território brasileiro, neste caso a Umbanda, podendo ser útil às pesquisas acadêmicas desnaturalizando discursos de homogeneidade e misticismo. Também não há pretensão de criticar a Umbanda, muito menos criticar os umbandistas de forma pejorativa, e sim, defender á desmistificar, contribuindo nessas desnaturalizações de imaginários que podem virar tabus e padrões cristalizados⁸.

Esta análise, dentro da Representação, contribuirá a pensar os Caboclos na Umbanda como diferentes uns dos outros, assim como as culturas ‘indígenas’, trazendo consigo uma pluralidade cultural. Os Caboclos tem a possibilidade de assumir outras formas, outros arquétipos diferentes, mas carregam consigo esta roupagem arquetípica para transmitirem inúmeros ‘valores’ passados pela oralidade, advindos de culturas ‘indígenas’, para ensinar a simplicidade, o respeito, o desapego ao material, o desapego a posse, a paz e a evolução espiritual, ou seja, o invisível aos olhos do visual⁹.

⁶ O conceito de arquétipo é explicado pelo psicólogo analítico Carl Jung. Segundo José J. de Moraes Zacharias, Jung define os arquétipos como um conjunto de ideias presentes nas memórias que permanecem no inconsciente coletivo ao longo do tempo. Na Umbanda, os guias espirituais (ou Falangeiros, como veremos a seguir) assumem determinados arquétipos para se manifestarem no terreiro, logo, atuam na hierarquia desses arquétipos, ou organizações, para exercerem suas funções.

⁷ Dos discursos sobre o que é Umbanda e o que não é Umbanda, podemos afirmar que a Tríade Umbandista é que dá sustentação para esta religião. A Tríade é o seu tripé, a sua base, dentro de seus fundamentos. É o que há em comum na sua totalidade. A tríade é composta por Caboclos (Guias com arquétipos de “índios”), Pretos-Velhos (Guias com arquétipos de escravos vindos da África) e Ibeijada (Guias com arquétipos de Crianças ou seres encantados).

⁸ Padrão cristalizado é um termo que expressa a ideia de algo que se estagnou durante o tempo. Neste caso, discursos e imaginários, por vezes pejorativos, que construíram-se historicamente, estagnaram-se e são confundidos á naturalidade.

⁹ O visual e o invisível da ideia de Ulpiano T. Bezerra de Meneses em *Rumo a Uma “História Visual”*.

A pesquisa apresenta como metodologia falar sobre a religião Umbanda, dialogando com *História da Umbanda: Uma Religião Brasileira* de Alexandre Cumino; *Os Arquétipos da Umbanda: As Hierarquias Espirituais dos Orixás* de Rubens Saraceni; entre outros. Foi utilizado para embasar esta pesquisa, o conceito de Representação de Marcel Mauss e Émile Durkeim explicado por Sandra Pesavento em seu livro *História e História Cultural*, dialogando com antropólogos que falam sobre cultura 'indígena' como, por exemplo, *História dos Índios no Brasil* de Manuela Carneiro da Cunha; entre outros. Para o foco da análise da pesquisa, foram utilizadas figuras com estatuetas, pinturas (fotografadas pela pesquisadora) e um Ponto Cantado de Caboclo, presentes no Centro Espírita Umbandista Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira. Para falar sobre o CEUPTCIC, foi utilizada uma Cartilha escrita pela Dirigente Espiritual deste terreiro, onde sana dúvidas iniciais sobre a Umbanda, o funcionamento e hierarquia do centro para os fiéis e frequentadores.

Sendo assim, a pesquisa traz uma análise de um imaginário sobre a cultura 'indígena' representado nos Caboclos de Umbanda, com recorte no Centro Espírita Umbandista Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira – CEUPTCIC, situado em Criciúma, Santa Catarina.

2. PRIMEIRO CAPÍTULO

2.1. BREVE HISTÓRICO DE UMA RELIGIÃO BRASILEIRA: A UMBANDA

Atendo-se aos fatos, segundo o Cientista da Religião Alexandre Cumino¹⁰, em seu livro *História da Umbanda: Uma Religião Brasileira*, a Umbanda é uma religião que teve sua primeira manifestação terrena em solo brasileiro no dia 15 de novembro de 1908, através de uma entidade que se nomeou como Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestando-se através da mediunidade de Zélio Fernandino de Moraes.

“Zélio Fernandino de Moraes nasceu no dia 10 de abril de 1892, no distrito de Neves, município de São Gonçalo – Rio de Janeiro.” (CUMINO, 2014. p. 47). Zélio tinha em torno de 17 anos quando começou a ter sinais mediúnicos e a família acreditava que ele poderia estar com problemas mentais. Sem saber o que ele tinha, passava mal, acordava a noite se comportando de forma estranha, falava coisas que ninguém entendia. Às vezes se comportava como um velho, às vezes se comportava como alguém maior e mais forte do que ele realmente era. Diante disso, a família o levou a um tio que era médico, logo, não foi encontrado diagnóstico; depois foi levado a outro tio que era padre que exorcizou Zélio e disse que não tinha nada que a Igreja pudesse fazer para ajuda-lo. Depois, foi levado a uma benzedeira que incorporava uma entidade que se chamava Tio Antônio. Tio Antônio, através dessa benzedeira disse a Zélio que ele tinha uma missão. Depois disso, Zélio foi levado ao Centro Espírita Santo Agostinho, hoje conhecido como Federação Espírita de Niterói onde incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhadas. (CUMINO, 2014)

Quando Zélio foi levado a Federação Espírita de Niterói, em uma mesa branca, estavam médiuns que incorporaram espíritos de ex-escravos e ‘índios’. Esses espíritos estavam sendo expulsos, logo, Zélio pergunta o porquê de eles estarem sendo expulsos. Diante disso, um médium clarividente da Federação viu que Zélio estava incorporado e perguntou-o quem se manifestava; assim o espírito respondeu que se era preciso que ele tivesse um nome, que o chamassem de

¹⁰ Alexandre Cumino é Cientista da Religião pela Faculdade Claretiano, Sacerdote de Umbanda e Maçom regular na Loja Madras – GOSP/GOB. Em 2011 lançou o livro *História da Umbanda: Uma Religião Brasileira* e entre outros, pela Editora Madras.

Caboclo das Sete Encruzilhadas. Logo, o médium clarividente¹¹ respondeu que estava lhe vendo com vestes clericais de um Europeu e perguntou por que se apresentava como um Caboclo. Assim, o Caboclo responde que o que ele via eram restos de suas vestes de outra encarnação em que foi Frei Gabriel de Malagrida e que naquele momento traria para a terra uma nova religião. Uma religião em que todos serão aceitos, onde com aqueles que sabem mais todos devem aprender, àqueles que sabem menos devem ensinar e a ninguém virar as costas. Caboclo das Sete Encruzilhadas disse também que essa religião se chamaria Umbanda, sendo a manifestação do Espírito para a prática da caridade. (CUMINO, 2014).

Definir o que é a Umbanda não é algo simples, porém é possível identifica-la em seus ritos, doutrina, fundamentos e, inclusive, na sua diversidade formando sua identidade. Para se ter noção da definição desta religião, Cumino ressalta a ideia de que “podemos dizer, em um ponto de vista teológico, que Umbanda pertence a Deus e aos Orixás. Quando pudermos definir Deus, então, só neste dia, definiremos com precisão o que é Umbanda.” (CUMINO, 2015. p. 118)

Da cultura Nagô, a Umbanda recebe o culto aos Orixás, reverenciados na natureza, sendo oferecidos a eles frutas, flores, velas e bebidas. Da cultura Gêge, a Umbanda reconhece semelhanças com o Tambor de Minas do Maranhão e sua encantaria, em que se manifestam “Caboclos” e “Pretos-Velhos”, na condição de “encantados”, índios e africanos, entre outros. Não podemos esquecer também a origem Bantu de algumas palavras, como Umbanda, Kimbanda, Cambone, Enjira e Zambi; este é o nome de Deus em Quimbundo. (CUMINO, 2015. p. 55 – 56)

A Umbanda, além de exercer a mediunidade de incorporação¹² e ser magística (manipulação de ervas e elementos), possui fundamentos em outras religiões, ritos e filosofias como o Espiritismo de Alan Kardec, a Religião Católica, o culto aos Orixás trazidos por escravos africanos da cultura Nagô que falavam a língua loruba, e de culturas ‘indígenas’.

¹¹ Mediunidade de vidência ou clarividência “é aquela pelo qual o médium vê parte do plano espiritual e os espíritos.” (SARACENI, 2011. p. 64).

¹² Incorporação é um termo popular utilizado, também, na Umbanda. É um tipo de mediunidade e pode ser confundido com possessão. Umbanda não foge às leis da física, logo, dois corpos não ocupam o mesmo espaço, ou seja, a grosso modo, o que acontece em uma incorporação é a irradiação da vibração energética do guia espiritual para os chacras do médium, onde se conectam um com o outro. Ademais, na maioria das vezes, os médiuns de Umbanda estão conscientes ou semiconscientes quando incorporados.

2.2. RELIGIÃO UMBANDA: QUEM É E QUAIS SÃO OS SEUS FUNDAMENTOS?

Antes de nos atermos aos fundamentos da Umbanda, é no mínimo relevante ter uma noção do que pode significar 'Religião'. Não aprofundarei seu conceito, mas tentarei definir de alguma forma o que isso significa socialmente e culturalmente.

Segundo o Cientista da Religião Alexandre Cumino em seu livro *A Umbanda e o Umbandista: Quem é e o que é?*, comenta que “uma das formas de definir religião é ir direto ao significado da palavra, do latim, *religare*, que tem o sentido de *religar-se a Deus*” (CUMINO, 2016. p. 23), porém, ainda comenta ele, que esse termo não define sua totalidade, pois algumas religiões não se referem a Deus, como por exemplo o Budismo.

Outra definição para religião, que possa chegar mais perto de seu significado, em termos de inclusão, é que “as questões religiosas são existenciais, filosóficas, doutrinárias, ritualísticas, humanas, divinas e sagradas” (CUMINO, 2016. p. 24). Ademais, também podemos definir religião como “a mais alta e atraente das manifestações da natureza humana” (RENAN, 1998. p. 13). Também, podemos compreender religião como manifestações culturais que, de alguma forma, procuram significados e resignificam questões existenciais. Não é uma tarefa fácil defini-la, mas é possível conhecer as inúmeras manifestações que carregam seu termo como símbolo.

Os místicos, que tiveram um contato íntimo com o sagrado, costumam ter definições mais abrangentes e menos dogmáticas sobre o que vem a ser religião. Para eles, religião é fruto de uma experiência vivida e não apenas um conjunto de regras, doutrinas, dogmas ou ritual. (CUMINO, 2016. p. 27)

Por conseguinte, podemos observar que a maioria dos adeptos das inúmeras manifestações religiosas espalhadas pelo mundo não procuram religiões para apenas entender seus rituais ou seus fundamentos, também, e principalmente, procuram-nas em busca de confortos existenciais e espirituais. Porém, é de extrema importância que tenhamos o mínimo de compreensão que as religiões possuem fundamentos, pois “os fundamentos de uma religião são a sua base, o alicerce de sua doutrina e ritual” (CUMINO, 2014. p. 27). São os fundamentos que nos explicam a riqueza de sua totalidade e suas identidades culturais. Não compreendendo isso, os julgamentos continuarão quando observado os seus rituais de forma preconceituosa como acontece, por exemplo, com a religião de matriz brasileira, a

qual é um dos objetos de estudo desta pesquisa: a Umbanda que “é simples e complexa ao mesmo tempo” (CUMINO, 2016. p. 35).

A religião Umbanda explora o exercício da mediunidade de incorporação. Contudo, acredita-se que os adeptos a esta religião não vão à um terreiro somente para incorporar um guia espiritual e sim para incorporar, também, as qualidades e potenciais destes guias, para que se aprenda a ter um melhor relacionamento social, amadurecendo valores morais e éticos, em busca da evolução espiritual. Em outras palavras, “a Umbanda vem desempenhando [...] sua missão de resgatar e fazer evoluir todos os que a ela se integrarem, sejam espíritos ou pessoas.” (SARACENI, 2011, p. 07)

Para que se tenha noção disto, Pery 2008 explica que é preciso romper com algumas ideias vistas como verdades incontestáveis, os chamados Dogmas. A ideia de que ‘Deus quis assim’ sem permissão para questionamentos sobre sua prática mediúnica, sem direito de resposta para o que acontece em um ritual magístico dentro do terreiro e o que acontece em uma incorporação, sem saber por que são usados determinados elementos em seções de passes energéticos e até mesmo quando os guias estão em terra, é uma ideia que deve ser quebrada.

A umbanda não possui dogmas, não acredita em verdades absolutas, aliás, tudo pode ser questionado. A própria Umbanda é mutável e isto gera mal entendidos levando ao preconceito e intolerância. A intolerância religiosa, e até mesmo a intolerância cultural, precisa ser quebrada, mas para isso acontecer é preciso que se tenha interesse de estudo sobre essas manifestações culturais.

O desinteresse de estudar a Umbanda e de compreender seus fundamentos foi um dos estopins para o preconceito existente sobre o que acontece dentro de um terreiro de umbanda. O preconceito ainda é existente, porém materiais para estudo desta religião não o faltam, apenas é preciso que se tenha vontade de entendê-la. Para compreender melhor sobre o que é a umbanda, Cumino explica que:

Essa forma de trabalhar com a espiritualidade tem contexto histórico e é possível identificar quem, primeiro, realizou um trabalho com todo esse conjunto de fatores fundamentais aos quais identificamos a Umbanda. Entre os fatores ou os elementos que formaram este contexto, podemos citar: templo (mesmo que seja dentro de um quarto ou quintal), altar (mesmo que seja apenas uma vela), roupa branca (na maioria das vezes, com exceções claro), defumação (mesmo que seja um incenso), magia (do uso de velas, patuás, banhos e pontos riscados), cantos (chamados pontos cantados e pronunciados em português), atendimento caritativo (os espíritos que

se manifestam recebem as pessoas que lhes procuram para ouvi-las, aconselhar e fazer limpeza espiritual por meio de passes, benzimentos e outros) e a presença marcante das entidades Caboclo, Preto-Velho e Criança, no mínimo entre outros que podem se manifestar como Exu, Pombagira, Baiano, Boiadeiro e Marinheiro. Esse trabalho, da forma como o conhecemos, tem uma origem histórica por meio de seu primeiro praticante, desta liturgia, o médium Zélio Fernandino de Moraes. (CUMINO, 2014. p. 83)

Diante disso, além dos rituais diários de um adepto da umbanda, – como acender velas para seu anjo da’ guarda e para seus guias; estudar o que é a religião que frequenta, seus fundamentos e sua hierarquia, melhorar-se psicologicamente e socialmente a cada dia –, os médiuns também participam assiduamente dos rituais, dos preceitos e dos dias de Gira no terreiro onde incorporam os chamados Falangeiros¹³, correspondentes aos Orixás¹⁴.

Nos dias de Gira no terreiro acontecem os rituais e manifestam-se os Falangeiros e os Guias Espirituais que fazem parte da Tríade Umbandista¹⁵. São abertos para o público onde se desenvolvem os trabalhos espirituais caritativos e gratuitos.

A Tríade Umbandista é composta por Espíritos de alta evolução que assumem arquétipos de Caboclos (‘índios’), Pretos-velhos (Ex-Escravos) e Erês ou Ibeijada (Crianças). Estes Guias são responsáveis por auxiliar as pessoas que vão ao Centro Espírita, Tenda ou Terreiro, buscar por algum tipo de conforto espiritual, seja um aconselhamento ou um Passe Energético.

Na Umbanda também existem os rituais e manifestações da Quimbanda, também conhecida como a Linha Esquerda da Umbanda. Nesta linha se manifestam os Exus, as Pomba-Giras, os Ciganos e Ciganas, Malandros e Malandras, e etc; também conhecidos como Guardiões ou Povo de Rua para os umbandistas.

A Umbanda ao mesmo tempo é Um (unidade) e Banda (diversidade) (CUMINO, 2015. p. 108), ou seja, é única em sua totalidade, porém é diversa em

¹³ “Na Umbanda não se incorpora os Orixás, mas sim seus enviados ou representantes (alguns chamam de falangeiros).” [...] Falangeiros são “Espíritos que mantêm forte ligação missionária e fluídica com a força original com a qual está ligado.” (PERY, 2008. p. 21) São os Falangeiros, enviados dos Orixás, que são incorporados em uma seção ou Gira de Umbanda.

¹⁴ Orixá na Umbanda entende-se como “um complexo de energias, manifestado na terra através da força da natureza criada por Deus.” [...] “Complexos vibratórios e energéticos, criados e emanados do Astral Superior, traduzidos aqui na Terra, como energias que emanam da natureza, as quais manipulamos para o nosso próprio equilíbrio” [...] e evolução espiritual. (PERY, 2018. p. 21). De maneira geral, “Orixá é poder divino e pode ser adaptado a vários modos e formas de culto e de magia.” (SARACENI, 2011. p. 34).

¹⁵ Os Guias Espirituais que compõe a Tríade Umbandista são os Caboclos, os Pretos-Velhos e Ibeijada (Crianças).

seus rituais que mudam de terreiro para terreiro. Desta forma, existe algo em comum em sua diversidade, e o que há de similar nos terreiros de Umbanda é chamado de fundamentos básicos, pois “fundamentos básicos são aqueles que estão presentes em todas as suas partes, ou ao menos, em sua maioria.” (CUMINO, 2014. p. 27)

O blog do Centro Espírita Urubatan, cede de forma simplificada alguns fundamentos da Umbanda. Segue:

Acreditamos em Deus eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, onisciente e onipresente. Cremos na existência dos Orixás, Espíritos de Plano Superior, que comandam as 7 linhas ou vibrações da Umbanda. Temos a reencarnação como ponto pacífico, logo, indiscutível. Cremos na existência de seres fora da matéria e na sobrevivência de nossa própria alma após a morte do corpo físico, significando que o espírito não morre, mas sobrevive ao homem, em caminho de evolução. Há possibilidade de comunicação com espíritos desencarnados, através da faculdade mediúnica. Existe uma Lei de Causa e Efeito, pela qual colhemos tudo o que plantamos. Não há acaso, tudo é consequência. O progresso individual ou as situações na vida são produtos de seu livre arbítrio ou escolha das provas antes da descida à matéria. Accreditamos a existência de outros mundos habitados, não constituindo a Terra exceção do universo. Há mundos mais adiantados e orbes mais atrasados. A terra é um plano de expiação, aprendizado e de correção moral. Não há espíritos voltados eternamente para o mal, mas seres em estágio de aprendizado. Todos temos guias espirituais que nos acompanham nos moldes dos anjos de guarda, porém, com faculdade de se comunicarem conosco, através da mediunidade. Etc. (URUBATAN, 2012)

Segundo CUMINO, os fundamentos básicos de umbanda são divididos em três grupos, que são “Fundamentos Doutrinários ou Filosóficos; Fundamentos Litúrgicos ou Ritualísticos; Fundamentos Estruturais ou Materiais” (CUMINO, 2014. p. 28).

Fundamentos Doutrinários de Umbanda são: Umbanda é uma Religião Brasileira; é a manifestação do espírito para a prática da caridade; aprender com quem sabe mais, a quem sabe menos cabe ensinar e a ninguém virar as costas; Umbanda é monoteísta, crê em Jesus e nos Orixás que manifestam as qualidades de Deus; Cremos em Anjo da Guarda; Livre Arbítrio e Sete Linhas de Umbanda¹⁶. Fundamentos Litúrgicos de Umbanda são: É uma religião mediúnica; espíritos assumem arquétipos para se manifestarem; o ritual possui começo, meio e fim; defumação; pontos cantados; pontos riscados; uso de velas; uso de fumo; uso de

¹⁶ Pode-se entender como Sete Linhas de Umbanda, as forças mágicas naturais de Sete Orixás que regem cada terreiro. Neste Caso, no terreiro estudado, as sete linhas orixás regentes são Ogum, Xangô, Iemanjá, Oxum, Iansã, Oxossi e Obaluauê. É importante salientar que as Sete Linhas Orixás variam de terreiro para terreiro, não havendo uma regra, um consenso e uma unanimidade. Cada centro umbandista possui sua hierarquia, logo, cada centro possui suas Sete Linhas.

bebidas; banhos de ervas e oferendas. Fundamentos Estruturais de Umbanda são: Um templo; um altar e uma tronqueira firmada ou assentada. Também são fundamentos: Não cobrar por trabalho espiritual realizado; não fazer sacrifício de animais nos rituais; Umbanda não possui dogmas ou tabus (CUMINO, 2014).

2.3. CENTRO ESPÍRITA UMBANDISTA PAI TOMÉ E CABOCLA INDAIÁ DA CACHOEIRA

O Templo religioso, ou Terreiro, a ser estudado em toda a pesquisa é conhecido como Centro Espírita Umbandista Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira; também (internamente) chamado carinhosamente de 'Nosso CEU'. O CEUPTCIC localiza-se na cidade de Criciúma em Santa Catarina, mais precisamente no bairro Mina Brasil; vizinho do bairro Pio Corrêa.

Para que houvesse facilidade de acesso as informações internas sobre as normas da casa, sua hierarquia, seus ritos, seus fundamentos e etc, foi elaborada uma cartilha para sanar algumas dúvidas e ter um melhor funcionamento do terreiro, assim, adiando futuras desorganizações e mal-entendidos. Foi pensada e escrita pela Dirigente Espiritual do CEUPTCIC, Mãe Pequena Daniela Gomes Fagundes. Segundo esta cartilha, 'Nosso CEU' nasceu no ano de 2011 como instituição religiosa sem fins lucrativos. Foi fundado burocraticamente como Templo Religioso no dia 13 de abril de 2012 e busca manter-se "fiel às Leis e Fundamentos da Umbanda" [...] "Tem por missão a prática da caridade por meio do desenvolvimento da mediunidade e dos potenciais humanos de seus praticantes, fiéis e frequentadores." (FAGUNDES, 2015. p. 02). O 'CEU' Trabalha espiritualmente com as Sete Linhas de Umbanda, que são Ogum, Xangô, Iemanjá, Oxum, Iansã, Oxossi e Obaluaê.

Segundo a cartilha de informações e orientações do CEUPTCIC e observando os dias de Gira, os trabalhos mediúnicos¹⁷ começam a partir da chegada do médium no terreiro. Logo ao adentrar neste local, salda-se a Cangira ou Tronqueira¹⁸ pedindo permissão para entrar no Terreiro; após coloca-se o uniforme

¹⁷ Trabalhos Mediúnicos não são 'trabalhos' no sentido de ganhar dinheiro ou algo em troca. Esse termo é utilizado popularmente nos terreiros para designar o exercício da mediunidade para a prática da caridade.

¹⁸ Cangira ou Tronqueira é o lugar onde estão assentados os guardiões da casa ou povo de rua: Exus, Pombagiras, Ciganos (as) e etc.

de trabalho¹⁹ e salda-se o altar batendo cabeça²⁰ no mesmo e nos quatro cantos da casa pedindo permissão e proteção para Pai Oxalá e Mãe Iemanjá (mentores da casa), Ogum, Xangô, Povo d'água (Oxum, Iansã, etc.), Oxossi e Obaluauê. Após bater cabeça, cada médium salda o anjo d'aguada dos outros médiuns fazendo um sinal de cruz no chão e um cumprimento cruzado de mãos dizendo "Salve o seu Anjo de Guarda" ou "Saravá ao Anjo da Guarda".

Posteriormente, os médiuns batem cabeça individualmente para a Dirigente Espiritual do Terreiro pedindo permissão e proteção para os trabalhos espirituais que acontecerão daquele momento em diante. Em seguida, acontece o ritual de defumação²¹.

Após, seguem cantando pontos, inclusive o hino da umbanda, num momento de louvação, agradecimento, novamente pedindo permissão e proteção onde concentram-se e elevam suas vibrações para dar início a recepção de irradiações de seus guias, popularmente conhecida como incorporação. Assim, a Cabocla dirigente da casa incorpora na Dirigente Espiritual do terreiro e cumprimenta seus filhos (médiuns) individualmente. Percebe-se aqui a hierarquia da casa, onde o Guia-Chefe Dirigente²² é quem inicia os trabalhos, após permitindo aos médiuns que também iniciem os seus trabalhos.

Em seguida, manifestam-se os Falangeiros ou Encantados dos Orixás; após manifesta-se a Tríade Umbandista (Caboclos, Pretos-Velhos e Ibeijada) para dar

¹⁹ O uniforme de trabalho usado na Umbanda é roupa branca, orientado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas em suas primeiras manifestações. Acredita-se que a Umbanda não fere as leis da Física, portanto, usa-se esta cor não por algum tipo de preconceito racial, mas pelo branco ser a somatória de todas as cores, assim, facilitando os trabalhos mediúnicos quando se trata de fluídos energéticos que são constituídos por faixas de luz (cor). Porém, não é uma regra. Por exemplo, um Caboclo de Oxóssi pode solicitar ao seu médium uma roupa de cor verde, pois o verde é a cor de Oxóssi; Uma Oxum pode solicitar ao seu médium uma roupa de cor amarela ou azul, pois o amarelo ou o azul é a cor de Oxum; Xangô pode solicitar ao seu médium uma roupa de cor marrom, pois o marrom é a cor de Xangô; e etc. As cores aqui citadas atribuídas aos guias ou falangeiros não necessariamente os representam, também podem se modificar de terreiro para terreiro, de guia para guia, de falangeiro para falangeiro, de hierarquia para hierarquia. Ademais, naquilo em que há em comum na diversidade da Umbanda, a indumentária de cor branca é utilizado pela maioria dos umbandistas.

²⁰ 'Bater Cabeça' é sinônimo de Reverência. Quando os médiuns 'batem cabeça' estão reverenciando, pondo-se a disposição dos Guias Espirituais, da Dirigente Espiritual e do Terreiro. Isso faz parte do ritual de Umbanda.

²¹ O ritual de defumação na Umbanda serve para purificação energética dos médiuns, ajudando na elevação vibracional para se realizarem os trabalhos mediúnicos. A defumação é feita com a queima de ervas, flores, resinas, madeiras, essências e etc.

²² Guia-Chefe Dirigente são os guias espirituais que dirigem cada terreiro. Por exemplo, no terreiro estudado, os Guias-Chefes Dirigentes são Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira. São eles que orientam a hierarquia maior da casa pela mediunidade da Dirigente Espiritual.

conselhos e aplicar Passes Energéticos nas pessoas que vão ao terreiro em busca de ajuda espiritual. Sempre que há giras, é escolhida antecipadamente uma linha da Tríade para desenvolver os trabalhos da noite, porém isso não é regra, pois podem se manifestar outros guias durante os trabalhos.

Encerram-se os trabalhos com todos 'desmediunizados', rezando um 'Pai Nosso' e uma 'Ave Maria'. Ao sair do Terreiro é importante que os médiuns saldem a Cangira novamente agradecendo pelos trabalhos desenvolvidos e peçam proteção espiritual para dali em diante.

Isso é, resumidamente, todo o ritual que acontece nos dias de Gira no CEUPTCIC. Outros episódios como homenagens para os Guias, por exemplo, não ocorrem da mesma forma.

3. SEGUNDO CAPÍTULO

O seguinte capítulo tem por objetivo uma compreensão do que seja o conceito de Representação, para uma análise sobre os Caboclos na Umbanda como uma representação 'indígena'. Foram analisadas algumas estatuetas de Caboclos, contidas no altar do CEU Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira, assim como quadros com pinturas. Observa-se que as imagens, assim como, a tradição cultural ocidental, branca, europeia cristaliza a representação do 'indígena' a partir de um estereótipo, transmitindo essa cristalização para a figura do Caboclo ao defini-lo como 'índio' genérico, homogêneo.

3.1. O QUE É REPRESENTAÇÃO?

Segundo a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, o conceito de Representação foi pensado por Marcel Mauss e Émile Durkeim no século XX, e a partir daí, começou a ser incorporado nas análises sobre história cultural, pelos historiadores (PESAVENTO, 2004).

A melhor forma de definir o conceito de representação é compreender que a representação esta em um imaginário²³ que se constrói coletivamente para chegar perto do real, para dar sentido ao mundo, ou seja, não é o próprio real, e sim, uma construção e uma explicativa dele. Em outras palavras, "As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade." (PESAVENTO, 2004. p. 22).

Não entendamos a representação como uma mentira, uma imaginação fora do comum. Representar é "estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença." (PESAVENTO, 2004. p. 21).

Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o

²³ "Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo." (PESAVENTO, 2005. p. 23).

gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais. (PESAVENTO, 2004. p. 22)

Exemplificando um pouco; se pegarmos um prisma²⁴ e incidirmos luz em um de seus ângulos, teremos uma dispersão da luz formando um espectro de luz²⁵. Agora, analisamos isto de forma contrária e com sentido figurado. Imaginemos que o espectro de luz são nossas observações, nossas ideias e nossos modos de pensar sobre o mundo. O prisma é a representação. E, a incidência de luz é o real, aquilo que entendemos como a verdade sobre o mundo. Ou seja, o modo com que vemos as coisas, os objetos, o mundo e tudo que pode ser observado, é analisado de um dos ângulos existentes em um prisma, gerando um espectro de luz, neste caso de ideias, sobre o objeto a ser observado.

Agora, invertendo a lógica, também podemos pensar, novamente em um sentido figurado, que o real é a incidência de luz. Nós somos um prisma. E, o espectro de luz é a representação. Ou seja, a incidência do real refletida na representação, forma nossos espectros, nossas ideias, nossas várias maneiras de enxergar o mundo e pensar sobre ele. Não há verdade absoluta, nem inverdades. Tudo pode possuir realidades narradas com as mais diversas formas de serem observadas dos mais diversos ângulos. Afinal, “nenhuma sociedade vive fora do imaginário e que é uma falsa questão separar os dois mundos, o do real e o do imaginário.” (BOIA apud PESAVENTO, 2004. p. 26).

Seguindo a lógica da Representação como um prisma, podemos observar este fenômeno na Umbanda. A incidência de uma luz, a luz maior, Deus, Zambi ou Tupã, incidindo em um prisma, neste caso, o prisma é a própria irradiação, formando um espectro de luz, no caso, os Orixás. O simbólico como uma Representação de crenças.

Dentro deste mundo do imaginário, no mundo das representações, podemos encontrar os arquétipos. O conceito de arquétipo é explicado pelo psicólogo analítico Carl Jung. Segundo José J. de Moraes Zacharias, Jung define os arquétipos como um conjunto de ideias presentes nas memórias que permanecem no inconsciente coletivo ao longo do tempo. Em outras palavras, o arquétipo é “uma representação

²⁴ Um prisma é um sólido geométrico, basicamente em formato de um triângulo homogêneo e transparente.

²⁵ Espectro de Luz é o nome dado ao fenômeno resultante da incidência da luz sobre um prisma.

simbólica coletiva e histórica que aguarda o momento de se expressar na personalidade” (ZACHARIAS, 1998. p. 69).

3.2. REPRESENTAÇÃO ‘INDÍGENA’ NA UMBANDA: O VISUAL E O INVISÍVEL NOS CABOCLOS DO CEUPTCIC

A Umbanda possui fundamentos na cultura ‘indígena’, mais especificamente, recebe influência do Xamanismo, da Pajelança, do Toré e do Catimbó ou linha da Jurema²⁶. Além do amor a natureza, o uso de fumos, de bebidas, de chás, banhos de ervas e defumações utilizados em alguns rituais ‘indígenas’, também são utilizados por médiuns em alguns terreiros de Umbanda, em seus rituais ou quando estão mediunizados com seus guias espirituais. Ademais, “em muitas Tendas de Umbanda, vê-se o uso do maracá (chocalho ‘indígena’) e outros elementos como penachos e cocares, usados pelas entidades” (CUMINO, 2014. p. 38).

Caboclo das Sete Encruzilhadas juntamente com Zélio de Moraes, são conhecidos como os fundadores terrenos da Umbanda. Percebe-se fortemente a presença dos Caboclos nos terreiros umbandistas, assim, como também pode ser observado, que na maioria dos terreiros, são eles quem orientam a hierarquia de cada casa, a disposição dos elementos visuais para harmonia do local, e também, a organização desses centros. Cabe a eles orientar esses papéis. Quem se dispõe a exercer essas funções são os dirigentes espirituais, os médiuns e os adeptos que frequentam esses locais. Sobre isso, Cumino reforça que:

São os Caboclos verdadeiros mentores da Umbanda, apresentando-se como linha de frente e de comando dentro da Religião, sendo, na maioria das vezes, quem responde pela chefia e pela responsabilidade do que é realizado dentro de uma Tenda de Umbanda. (CUMINO, 2015. p. 57).

Dos discursos sobre o que é Umbanda e o que não é a Umbanda, a Tríade Umbandista, como citada no capítulo anterior, é a base, o tripé dentro dos fundamentos da Umbanda; aquilo que sustenta esta religião. É o que há em comum

²⁶ Xamanismo, Pajelança, Toré e Catimbó ou Linha da Jurema são práticas ritualísticas desenvolvidas por alguns povos ‘indígenas’ do território brasileiro, sendo que o Xamanismo é praticado também por muitos povos ‘indígenas’ fora do Brasil. (CUMINO, 2015. p. 56). Segundo Mircea Eliade, não há um consenso para a origem histórica e geográfica das práticas xamanicas, sendo datada as suas práticas desde a antiguidade oriental.

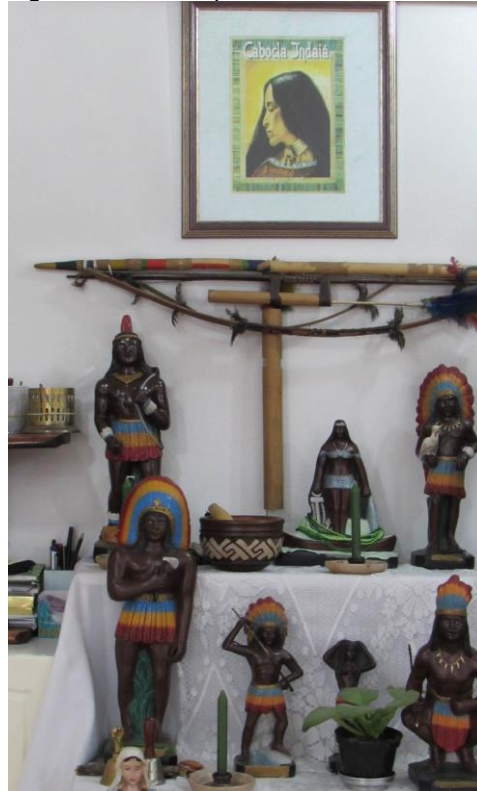
na sua totalidade. A tríade é composta por Pretos Velhos, Crianças e Caboclos. E, é uma análise sobre os Caboclos que esta pesquisa tende a tratar a partir de agora.

Para a compreensão do termo Caboclo para esta pesquisa, entendamos o termo como “também uma categoria de ‘mistura racial’ e refere-se ao filho do branco e do índio” (LIMA, 2009. p. 06). Porém, o termo tem vários significados. Para a antropologia o termo caboclo pode ter várias definições, como desenvolve a antropóloga Deborah de Magalhães Lima:

Na fala coloquial, o caboclo é uma categoria de classificação social complexa que inclui dimensões geográficas, raciais e de classe. Considerando a dimensão geográfica, o caboclo é reconhecido como um dos “tipos” regionais do Brasil (cf. IBGE, 1975). Entre esses tipos gerais estão os gaúchos do sul, as baianas da Bahia e os sertanejos do nordeste, para citar alguns. A distinção de cada tipo regional está relacionada com a geografia, a história da colonização e as origens étnicas da população. Nesse sentido, os caboclos são reconhecidos pelos brasileiros em geral como o tipo humano característico da população rural da Amazônia. (LIMA, 2009. p. 06).

Na Umbanda podemos observar que os Caboclos são uma representação de ‘índios’. Cada arquétipo da linha de Caboclo carrega resquícios de elementos culturais de alguma cultura ‘indígena’, como por exemplo, o arco e flecha, cocares e penas, fumos e bebidas. Elementos estes que foram, e hoje ainda são, convertidos para um trabalho espiritual dentro dos terreiros. Neste caso, o imaginário que se tem sobre os Caboclos na Umbanda são de Guias Espirituais que representam ‘índios’ que viviam no Brasil antes da chegada de brancos e negros (Silva, 1994), e também de nativos de outras regiões fora do Brasil; como podemos observar na figura 01.

Figura 01 – Vista parcial do altar.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na figura 01, o quadro representando a Cabocla Indaiá e as estatuetas de Caboclos com representações de ‘índios’, estão presentes no altar do Centro Espírita Umbandista Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira – CEUPTCIC, situado na cidade de Criciúma, no estado de Santa Catarina.

É importante salientar nesta pesquisa a presença das Caboclas na Umbanda, que também estarão nos objetos de análise juntamente com os Caboclos. Não pretendo de forma alguma invisibilizar a presença das Caboclas, mas, como no imaginário Umbandista, acredita-se que, esses Guias assumem arquétipos e não uma figura feminina e uma figura masculina com estereótipos de gênero, e sim, assumem questões energéticas como um sagrado feminino e um sagrado masculino. Portanto, tratarei em toda a análise discorrer á elas e eles como ‘Caboclos’.

Esta pesquisa trata de uma representação encontrada nos Caboclos de Umbanda. Afinal, como observa Raquel Redondo Rotta e José Francisco Miguel Henriques Bairrão, “o contexto umbandista comporta uma grande riqueza discursiva e ritual que inclui tradições culturais expressas por músicas, danças, fatos, narrativas etc. E a partir desses materiais simbólicos [...], são elaborados conflitos [...] de uma

grande parte de sujeitos brasileiros em contato com esse imaginário.” (ROTTA; BAIRRÃO, 2012. p. 121).

A ideia não é trabalhar com análise de fotografias, e sim, com análise dos objetos contidos nela, como as estatuetas e quadros com pinturas, assim, observando o que está posto no visível e o que pode significar uma simbologia²⁷ que está posta no invisível. A fotografia dos objetos foi o meio mais plausível para a compreensão dessa análise e também para a demonstração nesta pesquisa, para um entendimento coletivo. Pois, como comenta Siloé Soares de Amorim:

Segundo Flusser (1985), o "caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão de suas mensagens" que, na realidade, "são códigos que traduzem eventos em situações e processos em cenas", tendo o poder de representar uma situação, uma condição particular que nos remete a determinadas imagens que, por sua vez, são "mediações entre o homem e o mundo" (FLUSSER apud AMORIM, 2003. p. 18).

Podemos perceber que a representação sobre os Caboclos na Umbanda, na maioria das vezes, é o mesmo imaginário que se tem de um "índio" nu, de rosto pintado, usando um arco e uma flecha na mão. Não podemos negar estas peculiaridades, pois são elementos que foram usados por estes para diversos fins. Porém, não podemos cair em um anacronismo, temos que ter clareza que estes elementos não foram usados por todos estes grupos existentes, e hoje a maioria não utiliza mais.

É um equívoco pensar que os 'índios' são apenas um grupo, que todos falam a mesma língua e vivem a mesma cultura. Segundo o site do IBGE, o Censo 2010 apontou que existem no Brasil 274 línguas indígenas ainda faladas.

As imagens acerca dos índios [...] estão carregadas de etnocentrismo. Quando abordam o período colonial, particularmente o *descobrimento*, apresentam o índio como "selvagem", "primitivo", "antropófago"; tratando do processo de catequese, o índio recebe uma imagem não menos etnocêntrica: ele é "criança", "inocente", "alma virgem", enfim, alguém que precisa da mão protetora da Igreja. Já com relação ao século XIX, de outra forma, no processo de construção da nacionalidade, o índio é considerado "altivo" e "corajoso", amante da "liberdade", pois não fazia sentido dizer que a pátria era formada por brancos, negros e "selvagens". Todos esses discursos devem ser tomados de forma crítica, entendidos como construções carregadas de interesses ideológicos (SILVA; SILVA, 2006. p. 224).

²⁷ O simbólico ou os símbolos estão dentro das Representações e significam, segundo Sandra Pesavento, "dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão." (PESAVENTO, 2004. p. 22).

Esse imaginário que se tem sobre o 'índio' é uma construção histórica. Maria Carneiro da Cunha comenta em *Historia dos Índios do Brasil*, que “a maior armadilha é talvez a ilusão de primitivismo. Na metade do século XIX, essa época de triunfo do evolucionismo, prosperou a ideia de que certas sociedades teriam ficado na estaca zero da evolução, e portanto, eram fósseis vivos que testemunhavam do passado das sociedades ocidentais.” (CUNHA, 1998. p. 11)

A seguir, podemos observar esta análise nas figuras 02, 03 e 04.

Figura 02: Vista parcial do altar.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 03: Pintura.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 04: Pintura.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A imagem que temos sobre o 'índio' se tornou um padrão cristalizado e estereotipado. Estas imagens cristalizadas e estereotipadas, Segundo Amorim, ainda circulam por nós e são divulgadas e reforçadas, em sua maioria, pelo sistema educacional, como em alguns livros didáticos e pelos meios de comunicação como a mídia, por exemplo. Estas imagens foram descritas pelos "primeiros cronistas coloniais, viajantes, artistas e cientistas naturais" (AMORIM, 2003. p. 22), que viram e continuam a ver o 'índio' como um, homogêneo, e não como diversidade e como uma heterogeneidade cultural. Assim, "Os povos indígenas no Brasil, em sua condição histórico-social, transitam, como se refere Tacca (2001: 123-131), por infinitas "imagens-conceitos" como a de isolados, contatados e ressurgidos" (AMORIM, 2003. p. 22), o que não são, pois cada um em cada cultura possuem peculiaridades diferentes uma das outras.

Observa-se que as imagens, assim como a tradição cultural ocidental, branca, europeia, cristaliza a representação do 'indígena' a partir de um estereótipo,

transmitindo essa cristalização imagética sobre a figura do Caboclo ao defini-lo como 'índio' genérico.

Figura 05: Detalhe de vista parcial do altar.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na figura 05 possuem estatuetas que também referem-se aos 'índios' ou aos Caboclos na Umbanda. Estes são Caboclos?

Não, estes não são Caboclos²⁸. São uma Representação dos Caboclos na Umbanda com uma imagem estereotipada de 'índios'.

Um exemplo disso é o fato histórico, citado no capítulo anterior, de quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas se apresentou pela primeira vez, incorporado em Zélio Fernandino de Moraes na Federação Espírita de Niterói, onde foi visto com vestes clericais por um médium clarividente que estava no local. Caboclo das Sete Encruzilhadas se apresentava como um caboclo (um 'índio'), porém, possuía vestes de outra encarnação, onde foi Frei Gabriel de Malagrida. Posteriormente, ao que consta, foi visto por médiuns, com uma imagem de 'índio', pois, em uma outra encarnação também foi 'índio', escolhendo este arquétipo de uma vida passada para se apresentar no terreiro. Pois, por algum motivo espiritual, existe uma falange de

²⁸ Parafrazeando o pintor surrealista René Magritte em sua obra *A Traição das Imagens*. *Ceci n'est pas une pipe* (Isto não é um cachimbo). Disponível em < <https://tecituras.files.wordpress.com/2013/04/a-traic3a7c3a3o-das-imagens-isto-nc3a3o-c3a9-um-cachimbo-renc3a9-magrite-belgica-1898-1967-bc3a9lgica-1929-olc3a9o-sobre-tela-acervo-do-museu-de-arte-do-condado-de-los-angeles-h.jpg> > acesso em 14 de novemb de 2016.

Caboclos que carregam esse arquétipo, compondo uma ideia de liberdade, sem dogmas, sem tabus, de desapego à matéria, de respeito a tudo e a todos.

Isso demonstra que a ideia de arquétipo vai muito além de como um Caboclo se apresenta, como é a sua performance²⁹ ao estar incorporado com seu médium em um terreiro, como ele fala e como se expressa com as pessoas ali presentes no templo. O que quero dizer é que a sua relação arquetípica traz um imaginário, no inconsciente coletivo, de uma ideia de desapego à matéria, de compartilhamento de bens e conhecimentos transmitidos através da oralidade, de harmonia com seus semelhantes, de harmonia com o mundo natural, de paz espiritual, de simplicidade, de respeito. São esses valores que são traduzidos e entendidos pelos fiéis através das suas imagens e dos seus arquétipos, contidos na sua representação imagética como Caboclo.

Podemos observar que em um altar de um terreiro umbandista, há a existência de estatuetas representando os Orixás, os Guias Espirituais que compõe a Tríade Umbandista, entre outros. Como venho analisando, as estatuetas de caboclos presentes no altar de um terreiro, trazem consigo uma representação. Na representação há símbolos. Estes símbolos são o imaginário que temos sobre o real, logo, estas estatuetas possuem símbolos. O que estes símbolos podem nos dizer sobre o real? O que está no invisível?

No livro *Os Arquétipos da Umbanda: As Hierarquias Espirituais dos Orixás*, Rubens Saraceni diz que na colonização do Brasil a partir do ano de 1500, “Os indígenas viviam nus ou seminus e a nudez não era entendida como pecado ou exibicionismo” (SARACENI, 2011. p. 90). Complementa que o corpo não era visto entres eles como algo que levasse a conotação sexual, apesar de verem o sexo

²⁹ Sobre o conceito de Performance, Diana Taylor explica que a performance num contexto cultural é diferente da performance teatral que conhecemos, pois “as performances funcionam como atos de transferências vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social por meio do que Richard Schechner denomina “comportamento reiterado”. Em um primeiro nível, a performance constitui o objeto/processo de análise nos estudos da performance, isto é, as muitas práticas e eventos – dança, teatro, ritual, comícios políticos, funerais – que envolvem comportamentos teatrais, ensaiados ou convencionais/apropriados para a ocasião. Essas práticas são geralmente separadas de outras à sua volta para constituir focos de análise distintos. Algumas vezes, esse enquadramento faz parte do próprio evento – determinada dança ou comício têm começo e fim; não afluem, de modo contínuo ou sem divisões, para dentro de outras formas de expressão cultural. Dizer que algo é uma performance significa fazer uma afirmação ontológica, embora localizada. O que uma sociedade considera uma performance poderia ser considerado um não evento em outra.” (TAYLOR, 2013 p. 27). Portanto, neste caso, a Performance pode conceituar a ação do médium incorporado com um guia espiritual no terreiro.

como algo natural e não como tabu, respeitavam-se em valores morais próprios, pensados por estes povos.

A nudez incomodou os europeus que possuíam uma crença diferente, onde pregavam o prazer do corpo como pecado. Essa liberdade incompreensível aos olhos do europeu pode ser entendida como um dos estopins para o extermínio destas culturas, além das intenções mercantilistas.

A estatueta de um caboclo seminu pode representar uma simbologia, onde a presença do tapa sexo mantém arraigada à representação do Caboclo em uma cultura ocidentalizada do nu como pecado.

Se a Umbanda é manifestação do espírito para a prática da caridade em função da evolução espiritual, logo, quando os Caboclos estão incorporados em seus médiuns para auxiliar aos adeptos o equilíbrio emocional e interpessoal, irão nos transmitir, além de outros símbolos, o respeito, a liberdade e a quebra de tabus, para não cometermos os mesmos erros que com eles foram cometidos.

É notória na Umbanda a presença de Pontos Cantados que são músicas com fortes melodias de atabaques e letras que trazem consigo uma simbologia, retratando uma ideia da missão assumida por cada Guia Espiritual, manifestada nos terreiros. Os Pontos Cantados também exercem a função de elevar as vibrações dos médiuns para as incorporações com os Guias Espirituais. Acredita-se que a maioria desses Pontos, no caso, a letra e a melodia cantada, são recebidos, vindos do astral, sendo cantados pelos umbandistas. Sendo assim, a grande maioria dos Pontos não possui autoria definida. Pode-se observar isto, a seguir, em um Ponto Cantado de Caboclo:

Caboclo não tem caminho para caminhar,
Caboclo não tem caminho para caminhar,

Caminha por cima da folha,
Por baixo da folha,
Em todo lugar.

Caminha por cima da folha,
Por baixo da folha,
Em todo lugar.

Okê, Caboclo.

Percebe-se uma simbologia presente neste ponto que transmite uma ideia, presente em um imaginário umbandista, de uma missão assumida pelo Guia Espiritual. A ideia de o Caboclo trazer consigo uma mensagem, logo, vir a um terreiro para ensinar a naturalidade e a liberdade de andar na mata e não ter caminho para caminhar; a humildade e a simplicidade para andar em todo e qualquer lugar.

Pode-se entender isto como uma análise perto do real, uma representação. Uma simbologia presente no invisível daquilo que está no visual.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Umbanda, com apenas 108 anos de existência terrena, comparada com outras religiões ditas como milenares, possui um campo de múltiplas interpretações que vem causando certo interesse de estudo, servindo como base para muitos pesquisadores, das mais diversas áreas, ademais no dia 08 de novembro de 2016 foi reconhecida como Patrimônio Imaterial no Rio de Janeiro. Sua riqueza ritualística foi reconhecida apenas no Rio, porém, é uma grande conquista para o povo de axé. Isso nos revela o quanto ainda podemos fazer por esta religião enquanto á quebra de preconceito e misticismo. Tendo em vista que, a Umbanda não possui dogmas, verdades incontestáveis sobre sua face; recebe de braços abertos a todos que nela se interessam, desde um interesse por estudá-la até o interesse por fazer parte do contexto umbandista.

Assim como a maioria, esta pesquisa gerou cansaços intensos, várias incertezas e certas insatisfações por uma demorada compreensão de que estes tipos de estudos podem possuir diversas formas de análises e compreensões, e que não necessariamente, em uma pesquisa precisam conter todas estas análises, sem exceções.

Assim como a pesquisa trata de como está posto um imaginário cristalizado sobre o 'índio', representado nos Caboclos na Umbanda, contidos em objetos de teor significativo religioso no CEU Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira; pode ser observado neste trabalho uma análise, por vezes delicada de se tratar, pois os símbolos religiosos e as simbologias existentes nestes objetos de análise estão propensos a entendimentos equivocados se não analisados com sensibilidade, podendo vir a serem generalizados por quem analisa e por quem lê.

Considera-se, assim, que este trabalho possui uma análise que pode ser entendida como uma representação presente em um imaginário coletivo. É uma possibilidade de análise dentre as inúmeras formas de possibilidades de análises existentes nos mais diversos olhares, cada um em uma área específica.

Portanto, pode-se considerar esta pesquisa de suma relevância para o ensino e futuras pesquisas acadêmicas acerca do tema, deixando em aberto a autorização e incentivo da pesquisadora para uma possível continuação deste trabalho, ou utilização deste como base para outras pesquisas e análises, desde que

o suposto próximo pesquisador entenda a complexidade de trabalhar com estas expressões e manifestações culturais, desviando de análises pejorativas.

5. REFERÊNCIAS

AMORIM, Siloé Soares. **Índios Ressurgidos: A Construção da Auto-imagem os Tumbalalá, os Kalamkó, os Karuazu, os Catókin e os Koiupanká.** Dissertação. UNICAMP: Campinas, 2003.

CANTADOS, Pontos. **Caboclo não tem Caminho para Caminhar.** Disponível em: < <https://www.vagalume.com.br/umbanda/caboclo-nao-tem-caminho.html> >. Acesso em: 18 nov. 2016.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: Uma Religião Brasileira.** São Paulo: Editora Madras, 2015. p. 400.

CUMINO, Alexandre. **Umbanda não é Macumba: Umbanda é religião e tem fundamento.** São Paulo: Editora Madras, 2014. p. 155.

CUMINO, Alexandre. **A Umbanda e o Umbandista: Quem é e o que é?** São Paulo: Editora Madras, 2016. p. 144.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil.** 2.ed São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ECKERT, Cornelia; MARTINS, José de Souza; NOVAES, Sylvia Caiuby; Orgs. O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais. In: _____ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Rumo a Uma “História Visual”.** Edusc, . p. 32 – 56.

ELIADE, Mircea. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase.** São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2002.

FAGUNDES, Daniela Gomes. **Cartilha do Médiun do Centro Espírita Umbandista Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira.** Documento Particular. 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **O Brasil Indígena: Língua Falada.** Disponível em: < <http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada> >. Acesso em: 13 dez. 2016.

PERY, Iassan Ayporê. **Umbanda: Mitos e Realidade.** Niterói: 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** In: _____. **Mudanças Epistemológicas: A Entrada em Cena de um Novo Olhar.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RENAN, Ernest. **As Grandes Religiões.** São Paulo: Editora Ibrasa, 1998. p. 13.

ROTTA, Raquel Redondo; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. **Sentidos e Alcance Psicológicos de Caboclos nas Vivências Umbandistas.** Revista Eletrônica Memorandum. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP. 2012. p. 120 – 132.

SARACENI, Rubens. **Os Arquétipos da Umbanda: As Hierarquias Espirituais dos Orixás.** São Paulo: Editora Madras, 2011. p. 141.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, W. G. **Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira.** São Paulo: Ática, 1994.

TAYLOR, Diana. **O Arquivo e o repertório: Performance e Memória Cultural nas Américas.** In: Atos de Transferência. Editora UFMG, Belo Horizonte; 2013.

URUBATAN, Centro Espírita. **Dogmas, Crenças e Fundamentos.** Água Branca, São Paulo. 2012. Disponível em: <
<http://www.centroespiritaurubatan.com.br/fundamentos/dogmas-crencas-fundamentos.html> >. Acesso em: 13 set. 2016.

ZACHARIAS, José J. de Moraes. Entendendo os Tipos Humanos. In _____. **Ori Axé: A Dimensão Arquetípica dos Orixás.** São Paulo: Vetor, 1998.